INSANE CRUST

#3

Entrevistas:

Declínio Social
Nuclear Frost

Matéria da Edição

Genshibakudan 68anos

resenhas de discos + zines + gigs + afins...

Augusto Miranda - Jun. MMXII

EDITORIAL

Êra!

Finalmente mais uma edição do zine INSANITY CRUSTIES saindo!

Houve uma demora (muito mais que a desejada) para o lançamento desta edição, mas aqui estamos!

Os motivos do atraso? De tudo um pouco, da rotina que nos sufoca e nos impede de realizarmos o que queremos quando queremos à problemas de saúde, internações e afins. Mas finalmente sai mais uma edição, estamos e seguiremos vivxs e ativxs!

Vivemos um momento deprimente na cena punk local, mas não devemos nem podemos nos acomodar por isto, como já dizia a banda Ódio: "Foda-se sua descrença como desculpa para nada fazer!".

Essa edição vem com um conteúdo um pouco mais diverso e com mais colaborações, a começar pela capa, uma arte linda feita pelo querido amigo Augusto Miranda, especialmente para esta edição do zine, nas resenhas contamos com as palavras sinceras e observadoras de Leandro Shikuu da distro Unleashed Noise e o texto da matéria da edição (que é recheado de vivência e sentimento) foi escrito por Cristiane A. Sato.

As entrevistas não podem faltar por aqui e não faltam, tivemos ótima conversa tanto com a NUCLEAR FROST, quanto com a DECLÍNIO SOCIAL. Por ter demorado para sair o zine, há uma certa desatualização, DECLÍNIO SOCIAL em breve lançará split com AUTONOMIA e a formação da NUCLEAR FROST mudou, agora com a saída do Edoom, no lugar entra Nilson (que já consta em foto na entrevista) e também vale ressaltar que o disco "AntiChrist/AntiNazi" já foi lançado e se encontra nas lojas e distros por aí (vale citar que ficou muito bom!).

Digo em todo editorial, mas vale a pena lembrar: A idéia do zine é ser um espaço para cena, então, quem quiser participar, mandar texto, resenha, entrevista o espaço está aberto.

Email para contato: insanitycrusties@gmail.com

Este zine é uma produção PUNKISTA E DIY.

AGRADECIMENTOS:

Augusto Miranda, Nuclear Frost, Declínio Social, Leandro Shikuu, Cristiane A. Sato e Coletivo Anarcopunx+Crusties.





ENTREVISTA NUCLEAR FROST



1- Quando a banda começou e qual foi a proposta inicial da banda?

Edoom: Dei a idéia em 2006, quando a banda começou no papel, chamei o Thomas e estávamos na pegada de fazer um pós punk dark industrial nessa pegada neubauten / alien sex fiend mais não rolou, com a entrada da Gabi nos vocais em 2007 a banda fez seus primeiros ensaios já com a idéia de solidar um som bem Suécia e Metal Punk que era o que mais gostávamos mesmo.

2- Quais são as formações pelas quais a banda passou?

Edoom: A banda foi sempre a mesma base, eu no baixo, Thomas -bateria, Gabi- voz, o primeiro guitarrista foi Fred (bahia) gravou as duas primeiras demos, depois tocamos com um amigo que curtia som na época o Jefferson que era do Retaliador e logo depois fechou a formação com o Fejão da banda Peligro de Itapetininga.

Fejão: Conheci a banda através do Orkut, vi o myspace da banda achei o som fudido, dai eu e o Douglas da PELIGRO e RETALIAÇÃO, organizávamos gigs na época com o coletivo projeto motriz, chamamos o N.F. e foi um som muito fudido com PELIGRO, DESASTRE, NUCLEAR FROST(COM FRED NA GUITAR) E VICERAS, ai criamos um vinculo de amizade, depois tocamos junto no IMPRÓPRIO com N.F.(com JEFERSON) e ai o Edoom organizava eventos no M868 e chamou a PELIGRO, onde o N.F.(em trio com o Edoom na Guitar) depois desse evento o Edoom entrou em contato comigo para eu assumir a guitar, peguei e não larguei mais.

3- Quais os materiais lançados até agora? Algum lançamento em vista?



Edoom: Os mateiras foram até o momento a demo tape D-BEAT WAR 83 , a demo (cdr) WINTER BOMBS 83, o 4 way que saiu na Itália (EP), o split com o SECRET SECT (EP), NUCLEAR WINTER GLOOM (CD Peru ,

Mexico, Espanha), as duas primeiras demos em tape (Malásia), split (CDR)com o RETALIADOR, e futuramente O (LP) ANTICHRIST / ANTI-NAZI.

Esperamos lançar mais coisas até o fim do ano !!



4- Li em uma entrevista que vocês tiveram problemas no split com Secret Sect, podem falar mais a respeito?

Tom: Tivemos problemas sim, com o Sr. Joseph Cox "Joey" (Baterista do Secret Sect e dono do Selo Morbid Massakre Records) o cara passa a perna em um monte de gente e com a gente não foi diferente, demorou muito tempo para lançar o Split NxFx e Secret Sect, mas até aí, normal, mas como combinado, foi lançado 1000 cópias do split EP 7" e nós por direito ficaríamos com 100 cópias do mesmo, e só foi mandado 25 cópias, desde 2010 quando o split foi lançado, o cara fica com desculpas furadas e tal, como falta de grana, mas o mano é um cuzão resumindo a história, fica pagando de sem grana e tal, mas a banda dele toca com o Crow, Disorder, Deviated Instinct, HellBastard, foda né!? Depois desse Pelé, descobrimos um monte de mancadas do cara, com pessoal da Tailândia, Japão e outros lugares.

5- Quais bandas são influência pra vocês?

Edoom: Mano as influências principais são ANTI-CIMEX, VOIVOD, HELLHAMMER e mais uma par de bandas, ouvimos muita coisa nessa linha e até de estilos diferentes, não priorizamos peso mais sim sujeira isso faz parte das influências porque não faz sentido você tirar um som na linha de Venom com a gravação 100% atual e moderna, isso não faz sentido.

6- Fora da musica, o que influencia o som e as letras da banda?

Gaby - No Começo as letras do NxFx são inteiramente falando de guerra e bombas e com passar das musicas foram surgindo outros temas como Xenofobia, libertação animal e escuridão. Acho que com o NxFx, com passar dos tempos, vamos falar de vários temas como Feminismo e outros assuntos, não temos a necessidade de parecer a banda mais bitolada em assuntos como guerra ou a mais politicamente correta com assuntos políticos, acho que tem que ser natural cada letra, dependendo do momento de cada um.





7- Como vocês analisam a cena crust/punk/metal na área de vocês?

Tom: Putz... São Paulo, esta passando por um momento meio estranho, poucos lugares para tocar, muitas bandas legais surgindo, mas não existe um lugar fixo que sempre aconteça as gig's, igual tinha em alguns anos atrás... Isso só prova que precisamos de pessoas mais atuantes na cena, não que monte uma banda e se ache "o fudido", e fique se achando o tal. Sei que cada um tem os seus motivos, eu "Thomas J" não sou o melhor exemplo, de o cara mais atuante dentro da cena ou o mais engajado, mais ajudo sempre que minha vida dentro da sociedade me deixar ajudar. Estou falando isso, por que acho que muitas vezes coisas deixam de acontecer, como um Zine, um local legal para tocar ou beber uma cerveja e outras exemplos, deixam de acontecer por que o cara ou a mina só fica de pose, e só cola no som daquela banda que esta em mais evidência no momento, que pra mim, são os famosos poser's da cena, acho que hoje em dia tem muita gente pagando só de poser. Fora isso, tem surgido bandas legais e pessoas novas para as cenas.

8- Nuclear Frost é uma banda que junta públicos diferentes (anarcopunks, crusties, headbangers, punks) como rola esta interação?

Tom: Cara... esse é um grande sonho que rola com o Nuclear Frost e juntar toda essa galera, é extremamente difícil, por que sempre tem gente pé atrás ou má intencionada no meio da galera, se muitas vezes é difícil juntar pessoas da mesma cena, imagina pessoas de "cenas diferentes", que para nós não tem nenhuma diferença, minha formação musical é Extreme Noise Terror, Razor, V.N.A., Autopsy, Svart Parad, Bathory, Discharge, Judas Priest, Doom, Hellhammer, GISM enfim... Em SP o lance é meio enraizado, essa diferença, as pessoas já criam essa barreira, por que aqui sempre rolou treta entre todas as galeras, já em outras cidades não rola muito isso, BH (Minas) por exemplo, Metal e Punk já interagem com mais normalidade, no Rio também senti um lance meio que assim, bem melhor que SP, espero que isso mude mais com o tempo, sei que tem muita gente que pensa que isso é ilusão e que é modinha MetalPunk e tal, o fato é que o Black Sabbath foi influência para o Amebix ou para um estilo chamado Crust, você não gosta de Amebix, então Motorhead influenciou o GBH, o HardRock influenciou o Discharge, e o mesmos GBH e Discharge influenciou a criação do estilo chamado de Thrash Metal, só isso, um estilo ajudou um ao outro.

9- Quais foram as melhores gigs pra vocês até agora? Planos para alguma tour em breve?

Gaby: Temos bastantes gigs legais, como a do Riistetyt (Fin) banda histórica, em Campola, sem palavras... Com o Cólera na Zona Leste, grande influência em todos os sentidos, e foi o primeiro show do Fejão com NxFx. A primeira vez em Minas em 2008 com o Dischaos e Desarme (Colombia), foi a Sacaleiros Tour, conhecemos muitas pessoas legais e bandas fodas, que sentimos muitas saudades, Paranaguá e Curitiba foram legais também e o pessoal tratou super bem e tocamos com o nossas amigos do Declínio Social, pessoas que são exemplo de atividade e luta para nós....

Shows com o Retaliador e Peligro sempre são maravilhosos, são pessoas que gostamos muito, extremamente humildes e gente fina...





Fejão: Eu achei muito bom os eventos que o pessoal de Indaiatuba organizava o Marcão e o Rodrigro (KRANIO), os que o Diego na época Noise Terror fazia lá, o Mané lá no Covil e um que me marcou foi o Besthovem foi inesquecível. E lá no RJ nas 2 vezes que tocamos com Victor WIPSTRIKER organizando. Sobre tours recebemos convite pra tocar no Paraguai, Peru e México, gostaríamos muito de fazer esses roles e também Europa, mas devido a dificuldades financeiras fica difícil, mas queríamos muito fazer. Quem sabe no futuro.

10- Na opinião de vocês, qual a importância da política para o crust? A banda tem postura política definida?

Fejão: Pra mim pessoalmente foi o acesso as atitudes libertárias, os princípios, libertação animal, feminismo, ateísmo, liberdade sexual e de amar, contra o racismo, fascismo e muito dos valores e visão critica que tenho hoje

comigo vem da politica crust e já me ajudou a evoluir do que eu já trazia do punk e hardcore, não tenho vergonha de falar que já fui machista, homofóbico e até achava maior besteira as questões do vegetarianismo. E toda essa contracultura eu transporto para o meu dia a dia, no meu trabalho e em todas as discussões com companheiros de trabalho e familiares. Como em mim, eu vi que isso também afetava pessoas que estavam no metal ou no punk e através das bandas tiveram contato com essa politica e serviu de difusor desses princípios. Hoje em dia tem gente falando que isso é moda, tem gente que leva na brincadeira nesse sentido, mas tem gente que teve acesso através justamente desse ponto, eu acho melhor a difusão disso do que dessa moda skin. Quanto a banda todos temos os mesmos princípios, embora temos diferenças de opinião politica sobre um assunto ou outro, o que eu acho até importante para o crescimento de todos.



11- Todos integrantes são vegetarianos? Como vocês visualizam esta questão?

Feijão: Não o Edoom, foi um dos primeiros a ser vegetariano, mas não mantém essa dieta (vai e volta) embora concorde plenamente com a questão. A Gabi e Thomas também são vegetarianos a muito tempo, não sei muito bem mais se não me engano coisa de 05 ou 06 anos (pessoal se eu tive errado complementem) Sempre que podemos prestigiamos eventos, restaurantes e até pessoas que estão em gigs vendendo e difundindo alimentação vegetariana.

Como comentei tive acesso a isso através do HardCorePUnk (straighedge e anarcopunk) em 1996 e um pouco mais tarde através da politica crust, mas só consegui realmente ser vegetariano quando comecei a me relacionar com minha esposa e companheira Alessandra. Desde a época que apenas namorávamos a 7 anos. Hoje somos veganos à cerca de 4 anos .

A questão é seríssima e dela além da questão da exploração e tortura animal e do holocausto provocado por isso e também dos produtos comerciais, Tem a questão do impacto ambiental para manter o atual formato de alimentação humana. E isso implica até sobre o

acesso a água e alimentação da população de todo planeta.

12- O que vocês acham da moda skinhead que está acontecendo no momento?

Tom: Mano é foda, surgiu uma galera skin querendo refazer o histórico dos caras aqui em SP e Brasil, tipo apagando todas as bostas que fizeram por aqui. Vou falar por mim, eu sou geração meio dos anos 90 de curtir som e colar em gig's e tal, cresci vendo filho da puta de Careca do Brasil ou do Subúrbio, apavorando Punk's, Banger's e Gótico, eu mesmo já fui apavorado por cabeça de ovo no Terminal de Santo Amaro, zona sul de SP, quando era moleque, é foda mano, nunca vou colar com esse tipinhos ai, o que tenho que falar pra esse galera skin aí, faz sua correria, porque vocês querem refazer a imagem da cena aqui, porque vocês são skin 69 e tal, esse é o argumento que falam e tal, mano a louça esta suja pra caralho, limpa aí, porque desse prato aí nunca vou comer... Por honra à todos os Bangers, Crusties, Punks e Libertários que as cenas skins já espancaram ou mataram...

13- Da demo D-beat War 83 até o split com Retaliador, o que mudou pra vocês enquanto música e enquanto banda?

Tom: Não mudou tanta coisa assim, acredito que o que mudou um pouco foi o vocal da Gaby, que na D-Beat War esta mais gritado e agora esta mais gutural com influência de Doom e Napalm Death que a Gaby curte muito... A maior parte das músicas esta na mesma pegada, curta e direta, outras saem mais Metal, com influência de Hellhammer ou Amebix. Nós temos muita influência de Svart Parad, então sai um riff ou outro mais palhetado meio Thrash. Para esse play novo "AntiChrist/AntiNazi" tem uma música "Nego Cristo" que é meio pós punk com riffs dissonantes e uma musica noise.



14- Vocês estão envolvidos em outros projetos, bandas, coletivos e/ou outras atividades contra culturais?

Fejão: O Thomas toca no Unfit Scum, no Wipstriker quando vem só o Victor e o Edoom toca no Nebulizer e no Industrial Suction, eu toco na Peligro, tenho uma monobanda eletrônica o SelfishThrone as vezes faço com o pessoal da cidade outros projetos em outros estilos. Também participo junto com minha esposa da ONG Missão Planeta Terra, em minha cidade (Itapetininga) que luta pelos direitos dos animais, através de protestos e também projetos de lei municipal e abaixo assinados para leis federais. Onde interagimos com pessoas que possuem outro tipo de cultura, donas de casa, professores estudantes, etc. lá focamos justamente a luta ambiental e pelo fim da exploração animal.



15- Agradeço a atenção e a paciência, e fica o espaço para dizer o que quiser!

Edoom: Gritãao muito obrigado pela força mais uma vez mano!!

Tom e Gaby: e Aí Gritão... Muito obrigado pelo espaço e ajuda ao NxFx e todo cénario Anarcopunk, Crust, Metal e Punk, esperamos que o zine ganhe mais força a cada edição e parabéns pela iniciativa, quem quiser entrar em contato com o Nuclear Frost é só mandar email para nuclearfrost83@gmail.com, tem página no Facebook para quem tem, Myspace e tal, obrigado tod@s que ajudam o NxFx e toda cena de uma forma geral... valeu! Total DisCimexHammerVod 83....

Fejão: Nós que agradecemos o espaço e interesse, Muito importante esse trabalho seu do zine de dar o espaço para as bandas manifestarem o que pensam, é uma forma das pessoas tirarem a conclusão sobre a banda conhecendo elas. Te desejo muita saúde e força pra que continue sempre na luta e nos seus trabalhos. Grande abraço!

O Ataque dos Morcegos esta de volta...
Direto do Inverno Negro, eles lançam seu segundo album, intitulado como

ANTICHRIST-ANTINAZI







Se vc gosta gravações bem gravadas ou modernas, favor não adquirir esse item, DISCIMEXHAMMERVOD.

ENTREVISTA DECLÍNIO SOCIAL

1- Quando a banda começou e qual foi a proposta inicial da banda?

Lucas "Cavera": A "Declínio Social" nasce como projeto no final de 2002, especificamente no contexto das manifestações e plebiscitos contra a ALCA (Área de livre comércio das Américas), projeto imperialista Estadunidense de domínio econômico e político das Américas. Nas manifestações e viagens vinculadas a estas atividades, começamos junto a Nandão (ex vocalista) e Fernando "Doido"(ex baterista) pensar em um grupo, que vinculasse nossas concepções políticas e musicais, em um mesmo projeto. A partir daí Nandão e Doido se conectaram com Felipe e também a Frederico (ex guitarrista), onde começamos efetivamente a pensar os projetos e ideias que viriam a concretizar-se na "Declínio Social" em Janeiro de 2003.



Felipe: A banda é formada no fim de 2002, mas os ensaios se iniciam no inicio de 2003. Desde então, passamos por muitas experiências, mudanças na formação, gigs, viagens, lançamento de materiais, tivemos oportunidade de conhecer muita gente, fazer novas amizades (algumas destas creio e espero que levaremos pro resto de nossas vidas), outras realidades, possiblidade de intercambiar vivências, passamos por momentos fantásticos e também por algumas decepções e frustrações.

A ideia inicial era fazer um som hardcore/punk direto com temáticas de cunho libertário e questões cotidianas, usando a música como uma forma de expressão e resistência aos padrões impostos, além de expor nossos sentimentos, angústias e convicções.

Além da música, a proposta sempre foi e continua sendo trocar materiais, experiências, conhecer outras realidades, fazer novas amizades, viajar, tocar e levar a mensagem onde for possível.

Acima do conceito de banda, somos um grupo/coletivo de amigos que temos bastante afinidade, gostamos muito de viver/criar/compartilhar momentos e experiências juntos.

Chegado: Minha primeira participação como baterista do Declínio Social aconteceu em novembro de 2006, sendo bastante inusitada. Após a desistência do então baterista (Fernando Doido) a um rolé marcado para tocar em SP(Germinal) fui convocado as presas para substitui-lo encima da hora. Sem ter como ensaiar, porém já conhecendo as musicas encarei o convite. Alguns anos mais tarde após a saída do então baterista

(Weverson Tiririca) fui convocado novamente para uma mini tour SP/Paranaguá-PR/Curitiba, onde após seu termino permaneci no grupo até os dias atuais.



2- Quais são as formações pelas quais a banda passou? Qual a atual?

Felipe: Nestes quase dez anos de resistência e persistência, a banda passou por algumas mudanças na formação e acreditamos que cada membro que está na banda hoje e os que passaram, somaram muito, tanto sonoramente, quanto ideologicamente.



A formação inicial da banda era Nandão (vocal), eu (Felipe-guitarra/backing vocals), Frederico (guitarra), Lucas "Cavera" (baixo/backing vocals) e Fernando "Doido" (bateria). Essa formação permaneceu até o ano de 2005, quando Frederico deixa a banda horas antes da gravação de nossa primeira demo. Assim a banda passa a ter somente uma guitarra. Já no início de 2007, Nandão e Doido também saem da banda. Com isso, Lucas e eu passamos a assumir os vocais e na bateria entra um antigo amigo, Weverson "Tiririca", que permanece até 2010. Com a saída de Weverson, Sérgio "Chegado" (outro amigo de longa data, que já tinha "quebrado o galho" na banda algumas vezes) assume as baquetas, formação que se mantém até os dias atuais.

3- Quais os materiais lançados até agora?

Felipe: Temos um cd-r demo lançado no ano de 2005, com nove músicas próprias e um cover. No ano de 2008 gravamos o cd "Conflitos Diários", que conta com algumas regravações de músicas da demo e sons novos. Este cd-r foi lançado no ano de 2009, conta com 12 músicas e teve uma boa distribuição.

No início de 2012 lançamos um cd promo para a turnê sulamericana, realizada em Janeiro/fevereiro 2012. O cd, intitulado "Gira Sudamericana 2012", conta com 04 sons inéditos gravados em janeiro de 2011 mais as 12 músicas do "Conflitos Diários".

Nesse mesmo período foi lançado também um split com xs amigxs da banda peruana Sin Patria, com cinco músicas ao vivo de cada banda.

Além desses materiais, participamos de algumas compilações DIY, são elas:

Compilação com seis bandas do cenário Punk/HC divinopolitano; compilação 1 minuto, Compilação "Nuestro ruido nuestra arma" (2009), com bandas latinoamericanas, v/a - Compilado internacional- Destruyendo Fronteras, editado pelo selo/blog/distro Crust Or Die, 2009, com bandas de diversas partes), v/a: "Somos los promotores de tu kaida inminente" (2009). Além destas, participamos também de algumas coletâneas virtuais.

Estamos com sons novos gravados, alguns destes devem ir para alguns splits e outros projetos, que esperamos viabilizar em breve. Há também filmagens, registros e relatos da turnê sulamericana, esperamos começar a editar e soltar um material documental sobre as experiências vividas.



04- Quais bandas são influência pra vocês? Fora da música, o que é influência para o som e as letras da banda?

Lucas: Influência musical HC/punk, nacional e latino-americano basicamente: Los crudos, sempre! Joy Division, Fuzilados por la demokrassia y Progrecidio (Argentina), Zaherir (Chile), Nuclear Frost, Mogwai, TOE, Social Chaos etc Sobre as letras sempre versamos sobre temas que nos afetam diretamente, ou mesmo lutas e enfrentamentos com os quais nos identificamos. Em geral as mazelas que enfrenta e propaga a humanidade com a hegemonia do sistema capitalista, em suas distintas manifestações, ambientais, políticas, trabalhistas, gênero, racismo, cerceamento de liberdades, criminalização da pobreza etc.

Felipe: Acredito que tanto as influências sonoras, quanto a questão das letras são muito individuais e subjetivas, por isso temos influências bastante variadas e cada integrante tem seus gostos e particularidades. Vejo isso de maneira positiva, que faz com que cada um participe no processo de criação das músicas e letras de alguma forma (todos na banda escrevem as letras e participam da criação das músicas), este fator contribui para que a banda tenha uma sonoridade/característica particular.

As bandas que escuto, são variadas, vai do hardcore punk nacional dos anos 80 e 90, crust suéco, hc finlandês , hardcore punk latino, dentre muitas outras coisas.

Algumas bandas que influenciaram a DS são Los Crudos, Apatia No,

Autonomia, Migra Violenta, Sin Dios, Execradores, Abuso Sonoro, Cólera, Axiom, Crass, The Mob, Armagedom, e diversas outras bandas, também bandas de amigxs e que tivemos o prazer de tocar juntos, que nem vou citar porque são muitas... (risos)

Sobre as letras, as influências são temas libertários, luta dos povos e indivíduxs pela autonomia, reflexos da globalização no cotidiano como o desemprego, consumismo, preconceito, e as denúncia de algumas atitudes que consideramos negativas, como a intolerância, machismo, sexismo, racismo e homofobia presentes na sociedade, ambição, crueldade humana e desrespeito a outrxs individuxs, com a natureza e a outras espécies.



Abordamos também algumas atitudes que vemos dentro do meio underground e consideramos negativas, como competição, posturas machistas/sexistas/homofóbicas, reprodução de preconceitos, utilização do underground como uma forma de autopromoção, vemos isso como uma forma de autocrítica, mas sem querer impor, doutrinar ou criar verdades absolutas, mas como uma forma de reflexão.

Chegado: Inicialmente quando comecei a tocar no Declinio Social minhas inspirações sonoras vinham do punk HC old school Norte Americano com pegadas rápidas e energéticas. Na atual conjuntura e depois de alguns anos tocando juntos as composições foram ficando mais diversificadas, incorporando assim uma outra pegada seja ela um pouco mais d beat ou variações da mesma com o grind. Porem a junção destes elementos sonoros com as temáticas das letras formam uma combinação do que podemos talvez definir como "Hardcore Latino" cuja as propostas reverenciem as lutas por dignidade de povos não somente Latino Americanos , mais toda forma de resistência ao capital mundial e autoritarismo presente, dentro de uma política de exclusão aos grupos minoritários .

05- Como é a cena de Divinópolis?

Lucas: como atualmente não moro em Divinópolis mesmo tendo opiniões subjetivas sobre a "cena" não me sinto com legitimidade para falar de algo que não vivo no dia a dia...!

Chegado: A sempre um processo ligado ao tempo e lugar quando falamos de cena. E isso é nitidamente claro quando estamos inseridos neste contexto a alguns bons anos. Creio que como na maioria dos lugares existiam quase as mesmas dificuldades relativas a organizações de gigs, lugares para encontros e produções, pessoas dispostas a escrever textos e assim criarem um ponto em comum para resistirem neste meio underground através da arte em

geral. Divinópolis é uma cidade interiorana com uma população media de 220.000 pessoas cujas relações no meio "alternativo" vêm sendo experimentada pelos que acreditam na diversidade cultural e no faça você mesmo independente de estilos específicos. Eu particularmente penso que essa especificidade de agregarmos estilos múltiplos dentro de uma cena fez com que as pessoas se sentissem de fato mais livres para mover as coisas. Assim nunca tivemos problemas em organizamos um som com bandas de rap juntas com alguma vertente do rock e tudo dentro de uma proposta política vinda do punk de não esperar que alguém faça algo por você. Com o tempo nos fortalecemos em grupo e individualmente com a criação do coletivo pulso e assim algumas pessoas se identificaram com esta proposta de solidariedade e interatividade dentro da cena. Ainda acreditamos e vivemos conforme a temática D.I.Y. no objetivo de sempre diferenciarmos das praticas voltadas para o rock de mercado e seu entretenimento vazio de final de semana. Hoje a uma super valorização da cultura "rock" na cidade causando uma serie de conflitos de identidade para uma nova geração. Mesmo com esse modelo pré-estabelecido e sem referências permanecemos verdadeiros com nossos propósitos e continuamos apostando no universo que absorvemos desde os primeiros dias de compreendimento da concepção do termo libertário.

06- Conheci vocês tocando aqui em $P, qual a visão que vocês tem da cena daqui?

Felipe: Tivemos a oportunidade de tocar em SP duas vezes, em 2006 no Espaço Germinal e 2010 no Espaço Impróprio, infelizmente estes dois ótimos espaços não existem mais.

Temos ótimas recordações, chegar na cidade e deparar com uma realidade completamente distinta da que estávamos acostumados, em São Paulo tudo é dimensionado a tomar uma proporção gigante. Uma infinidade de manifestações/produções, não só referentes a música, mas da contracultura em suas variadas formas.



É sempre bom ir a SP, rever diversxs amigxs que gostamos muito, compartilhar e vivenciar momentos, fazer novas amizades. É um local que encontram-se muitos coletivos/grupos e indivíduxs organizadxs e sincerxs com suas propostas, produzindo, organizando, muitas bandas e manifestações, e vemos que há uma maior facilidade no que se diz respeito a produções, distribuição de material, espaços e organização de atividades

Mas por outro lado, vejo um lado negativo também, briga de egos, rivalidades dentro da cena, algumas destas até entendo, outras

não. Se gasta muita energia com questões que acredito não levar a nada. E também há um grande mal que não só vemos em SP, mas como também em várias partes do país, mas aí tem tendência a ficar maior que é o surgimento, fortalecimento e proliferação de grupos de direita e intolerancia.

Lucas: Acho difícil falar da "Cena" em São Paulo, pela quantidade e variedade de grupos vinculados a mesma, vejo que existem varias cenas distintas, algumas inclusive antagônicas. Todavia, esse é um fator interessante que pode levar a construções ricas, pela própria variedade das pessoas e grupos circulando pelo mundo "metal/crust/punk" de São Paulo. Muitas vezes também pode por questões de egos e/ou diferenças ideológicas, levar a muito separatismo, logo, segundo o "grupo" que te convide para tocar é provável que outros amigos não compareçam... Assim, a grandeza e diversidade da cena em São Paulo são pontos positivos que sempre nos chamou a atenção, porem, que podem ser também sua principal debilidade.

Chegado: Eu penso que foi uma superação muito grande pra todos nós do declínio social devido a circunstancias naquele momento. As duas vezes que estivemos tocando em SP foram ocasiões bem diferentes. A receptividade foi das melhoras possíveis fazendo com que de fato pudéssemos construir amizades que nos deixaram bastante felizes. Conhecer outros espaços e formas de organização nos amadureceu muito e nos fez pensar que com nossos esforços muitas coisas poderiam servir de referência em nosso meio. Em termos de cena nos deparamos com uma gama de diversidade cultural dentro do punk e também podemos sentir um pouco da correria das pessoas e as dificuldades relacionadas à conflitos ideológicos.

07- Vocês realizaram uma Tour pela América do $ul recentemente, contem um pouco de como foi essa experiência pra vocês! Quais as melhores gigs? Alguma história que mereça ser contada?



Felipe: A turnê foi uma experiência fantástica e intensa. Já tínhamos a ideia de fazer essa tour há alguns anos e já tentamos viabiliza-la outras vezes, mas sempre rolava algum problema que impossibilitava, só que dessa vez felizmente conseguimos.

Depois de meses organizando, entrando em contato com o pessoal, estudando mapas, rotas, produzindo material, silkando camisetas, cds, organizando atividades, etc, saímos de Divinópolis no dia 29 de dezembro de 2011, em um carro ano 88 (consertado nas vésperas de sair), sem gps, somente com mapa (às vezes nem isso tínhamos), ou informações de rota, para viajar milhares e milhares de quilômetros,

reencontrar várias pessoas que gostamos muito, conhecer muita gente, e viver tudo o que nos esperava.



Foram mais de dois meses intensos, muita troca cultural, lugares fantásticos, espaços organizados, ótimas bandas, pessoas maravilhosas e recepções que jamais esqueceremos. Ao todo foram 20 gigs e um ensaio aberto, passamos por quatro países (Argentina, Chile, Peru e Bolívia) e todos os climas e realidades imagináveis. Por incrível que pareça e graças a persistência e também ao nosso incansável amigo Edinho (que animou viajar junto) e à nossa teimosia, não perdemos nenhuma, chegamos um pouco atrasado em algumas, mas no fim deu tudo certo.

Das gigs e histórias acho difícil citar apenas uma, pela intensidade e sinceridade de tudo, e cada momento teve sua particularidade.

Na viagem, as que marcaram foram os acampamentos, as vezes ficávamos acampados na beira da estrada, a vez que o carro quebrou na fronteira Argentina/Chile e atravessamos empurrando, o atolamento em plena selva boliviana, dentre outros "perrengues" nas fronteiras, o carro estragando (por várias vezes), seja em deserto, serras, litoral, selvas, cidades. Mas o mais importante foi poder vivenciar outras realidades e costumes...

Muitas gigs marcaram muito, o contato com xs amigxs na Argentina, as atividades, militância e a resistência nas ocupas, atividades em solidariedade a presxs políticxs.



As gigs nas ocupas chilenas, galera bem organizada e politizada, ótimas bandas, outro fator marcante foi atravessar 2.045 km em 5 dias no Atacama, tocando 4 vezes em quatro cidades diferentes.

As gigs no Peru também foram muito boas, boas bandas, amigxs, estrutura, muita gente, além do fator cultural, que é marcante demais nesse país, os problemas e impactos que a globalização e a mineração vem deixando nas populações indígenas e do campo (isso nos quatro países que passamos, realidade parecida com a que vivemos aqui no Brasil).

E na Bolívia também, pesando todas as dificuldades de se organizar

atividades "faça você mesmo" no país e pessoas muito sinceras.



Lucas: Essa tour foi muito importante para o amadurecimento da banda tanto musicalmente, como enquanto coletivo de pessoas. Tocar em todo tipo de lugares imagináveis, em dias de semana.... desde casas de show "profissionais" a porões de okupas. Tocar para muita gente num dia e no outro para quase ninguém.... Conhecer experiências reais de resistência ao sistema, propositivas e não somente verborragias demagógicas. Dentre outras coisas creio que cabe ressaltar o carinho com que fomos recebidos em todos os 4 países que passamos, a curiosidade e amabilidade com que nos recebiam e o interesse que tinham para saber mais coisas do Brasil, bandas, cena, cultura, etc. Além de quase sempre perguntarem/questionarem por que mais bandas brasileiras não tocavam em estes países vizinhos... Na verdade cada gig foi/é uma experiência nova e única, além do fato de que gostamos mais do resultado da banda ao vivo que dos materiais que gravamos até o momento, essas experiências ao vivo nos fazem querer seguir com a Declínio Social há quase 10 anos, pese a todas as dificuldades.



Chegado: Parte desta pergunta pode se transformar em um livro daqui a um tempo, pois escrevi uma espécie de diário na estrada sobre este role. Foi como nascer novamente em todos os sentidos possíveis. Quando saímos não sabíamos de fato da representatividade desta Tour em nossas vidas em termos de experiência pessoal. As mil correrias de cada um para que tudo desse certo foi algo inacreditável dentro das nossas possibilidades. São tantas Historias pra contar que seria uma injustiça muito grande evidenciar apenas algumas. Eu prefiro falar de algo que pode muito bem definir o nosso comportamento neste role inesquecível que foi a superação e vontade de cada um de nós presentes naquele momento junto as energias positivas e carinhos que recebemos por todxs. Guardo todos os momentos e pessoas no meu coração e espero poder retribuir essa mesma simpatia que tivemos nos dois meses e dois dias rasgando a América Latina em uma Elba 88.

08- Na opinião de vocês, qual a importância da política para o

punk? A banda tem postura política definida?



Felipe: Somos uma banda libertária, um coletivo, grupo de pessoas que acreditam no potencial do punk de transformar/conscientizar as pessoas, uma mudança de realidade e postura crítica perante as injustiças da sociedade. Acredito no punk como uma forma de expressão, negação, uma revolução pessoal e uma forma de resistência aos valores impostos, hipocrisia e criações sociais.

Vejo o lado político como um fator de fundamental importância, acredito no poder do punk para aglutinar pessoas com afinidades ideológicas e sonoras, mas não tenho a ilusão que o punk por si só trará alguma mudança. Não vejo o punk desvinculado do restante da sociedade, como uma "bolha", mas como o reflexo dela, por isso acho importante o contato com outros grupos/movimentos e individuxs fora do cenário. É claro que sem imposições e sim a exposição de idéias.

Cada membro da banda tem sua opinião quanto ao assunto, pois eu acredito que o punk, além de movimento, é uma revolução pessoal.

Lucas: Acho que o Punk sem o conteúdo político contestatório, não passa de uma "Moda", ou como dizia a mídia nos anos 80 uma "new wave". O Punk continua vivo e forte até os dias atuais por permitir vislumbrar através da musica e demais atividades contraculturais vinculadas (por conseguinte, políticas), projetos e formas de vida diferentes aos que nos são impostos como "únicos" pelo status quo. Assim, o conteúdo político do Punk tem uma importância singular, a despeito de outros estilos musicais ou "ondas" que tem como objetivo divertir e fazer dinheiro. Vejo o punk como resultado das contradições estruturais dessa sociedade capitalista, logo, o caráter político do mesmo é inerente a sua própria gênese.



09- Na música "Desempregado" vocês tratam da discriminação que as pessoas sofrem por estar sem trabalhar e a dificuldade que as pessoas tem em arrumar um emprego, a relação trabalho X vida X sobrevivência é ruim para todxs e um problema ainda maior para nós punx que buscamos viver de uma maneira libertária, qual é a vivência de vocês em relação a trabalho? Quais as dificuldades em manter um trabalho, uma banda e se manter ativo enquanto punk?



Felipe: Desempregado foi umas das primeiras músicas que fizemos, e ela surge em um contexto onde todos integrantes da banda (na época cinco) se encontravam desempregados. A letra é baseada na relação de preconceito que desempregadxs passam e como são vistos pela sociedade, numa realidade onde se cobra muita técnica e especialização e as oportunidades não estão aí para todxs.

A concorrência, técnica, lógica do mercado e mecanização é cada vez maior, o que gera o egoísmo e desrespeito com x outrx, ou o que não tem as mesmas condições, vemos isso como uma forma de exclusão, onde se é permitido "engolir" x outrx. Em muitas das vezes o que resta como alternativa ao indivídux é ficar a mercê e ter que "vender" sua força de trabalho, ser explorado por uma quantia que mal dá para sobreviver e suprir suas necessidades.

Eu trabalho como professor, atualmente na rede municipal e como foi dito na pergunta, nós que vivemos ou tentamos criar maneiras, vivências, relações mais autônomas e libertárias sofremos o preconceito, a escola é um reflexo de tudo na esfera social, e no ambiente escolar estão presentes as mais variadas formas de preconceito. Esbarramos também na lógica em que tudo que é visto como inovador nas salas de aula é tratado com desconfiança por parte de algumas direções e coordenações das escolas, pois a educação é vista/tratada como um mecanismo e aparelho repressor.

As vezes bate um desânimo, angústia e sensação de impotência, mas mesmo nesse contexto, dá para trabalhar algumas questões relevantes e interessantes. O importante é ser sincero consigo mesmo, nas relações.

Quanto a manter banda e outras atividades com trabalho, a questão de conciliação, não é fácil, e pesa um pouco, tanto é que nós nem tocamos/ensaiamos direto. O Lucas atualmente vive em Buenos Aires, e as vezes a banda fica algum tempo sem tocar, mas sempre ativa, tentando escrever, buscando contatos, e pra quando encontramos produzimos materiais, atividades, articulações.

10- Vocês estão envolvidos em outros projetos, bandas, distros, coletivos e/ou outras atividades contra culturais?

Felipe: Participo do Coletivo Pulso



(www.coletivopulso.blogspot.com)

Coletivo que produz atividades (contra) culturais, gigs, eventos, debates, dentre outras. Atualmente o coletivo anda um pouco parado, se comparado a movimentação que rolava há alguns anos atrás, hoje temos um espaço mensal na Biblioteca Pública da cidade, para exibição de vídeos e debates.

Participávamos também de alguns espaços autogestionários, tivemos a experiência da ocupação IuerePoma Poty, neste espaço ocupado e autogestionado havia uma horta comunitária/biblioteca comunitária, moradia e outras atividades. Apoiamos também outros grupos/ coletivos/ espaços, manifestações e movimentos, como na organização da Bicicletada-Divinópolis, dentre outros. Fora isso, já participei de outros projetos e de algumas outras bandas, atualmente toco guitarra na FinalTrágico.. , banda d-beat/ crust e faço vocal na Brutalitaät, que faz um som mais influenciado por bandas hc/punk finlandesas antigas.



Tenho um projeto antigo e conspirações de um zine, espero que logo esteja rolando.

Chegado: Já me inseri em vários projetos com o passar dos anos e todos foram muito sinceros com o que eu sentia naquele momento. Hoje além de tocar bateria no Declínio Social, estou pra voltar a ensaiar com o Malespero que faz um som mais crust existencialista onde comecei tocando bateria e agora vou tocar baixo. Ainda se falando de bandas, comecei a fazer vocal em uma banda de uns amigos de Belo Horizonte chamada Filhos da Desgraça e em breve pretendo lançar o material destas duas bandas também pela minha distro, No Future. Apesar da incessante correria, as idéias foram dando vazão depois que conseguimos canalizar e concentrar nossos esforços coletivamente e sendo assim muita coisa ocorreu e vem ocorrendo depois do Coletivo Pulso (2006).Sempre estou envolvido de alguma maneira com grupos e espaços diversos como o Barkaça (voltado mais para a área literária), teve também uma casa okupa que resistiu bravamente durante uns 11 meses chamada Iuerepoma Poty, intervenções diversas como a bicicletada, panfletagens anti rodeio, utilização de espaços públicos para exibições de videos/debates e outros tantos que ainda estão por vir. No momento estamos construindo um espaço chamado Studio/bar onde gravamos umas musicas novas do Declino Social.

Esse espaço tem muito potencial para se transformar em um local cujas atividades que pretendemos possam ser supridas nele a partir da correria de uma galera. (Studio para ensaio e gravação, bar, atelier, local para oficinas, radio comunitária, loja de materiais diversos, sala de cinema e outros).



11- Agradeço a atenção e a paciência, fica o espaço para dizer o que quiser!

Felipe: Nós que agradecemos pelo interesse, apoio, convite e paciência. É muito bom receber zines impressos e ficamos muito felizes em poder participar. Infelizmente a cultura do zine em papel vem perdendo espaço, num cenário onde quase tudo passa por um processo de "virtualização". Acreditamos muito no papel do zine de informar/difundir/propagar ideias, troca de informações, novas amizades, contatos, intercâmbio, troca de materiais, conhecer outras realidades, etc.

Parabéns Gritão pelo ótimo zine, bons textos e o suporte que dá a bandas e outras manifestações contraculturais e "faça você mesmo". Boa sorte e que venham muitas outras edições do Insanity Crusties. Continue gritando Gritão (risos)...

Quem tiver interesse em entrar em contato e saber mais sobre a banda, fazer amizades, contestar, trocar material, etc entrem em contato..

decliniosocial@hotmail.com

reverbnation.com/decliniosocial

ou na página no facebook:

Declínio Social

Beijos, abraços, saúde e resistência a todxs!!

Chegado: É muito gratificante ver pessoas como você correndo atrás de organizar um zine tão bem elaborado e total D.I.Y. É um grande prazer pra gente estar contribuindo de alguma para esse zine que diga se de passagem é uma excelente referencia para uma galera que esta vindo ai, e incentivo para os que estão querendo fazer os seus. Grande abraço, muita sorte e saúde ai para você e todos os camaradas que se desdobram pra fazer as coisas acontecerem.

DECLÍNIO SOCIAL



- GENSHIBAKUDAN -

- BOMBA ATÔMICA -

Em 2013 se completa 68 anos do holocausto nuclear ocorrido em Hiroshima e Nagasaki, fica aqui uma matéria, escrita por Cristiane A. Sato, sobre a história da bomba e os horrores causados, para que não seja esquecido, para que nunca mais aconteça.

6 DE AGOSTO

Na história da humanidade poucas efemérides são tão importantes, ou celebradas com tanta tristeza como a data de 6 de agosto.

Em 6 de agosto de 1945, a primeira bomba atômica feita pelo homem e usada contra a própria humanidade explodiu na cidade japonesa de Hiroshima. Em 9 de agosto de 1945, foi a vez de outra cidade: Nagasaki - a maior comunidade cristã do Japão. Estima-se que 70 mil pessoas morreram na hora ou poucas horas depois das explosões. Outras 130 mil morreram nos 5 anos subseqüentes, em função de ferimentos e doenças causadas pela exposição à radiação. Assim, calcula-se que 200 mil pessoas teriam sido o custo pago pela passagem da humanidade para a Era Nuclear, mas estas são cifras mínimas estimadas. A verdade é que nunca se saberá ao certo quantas centenas de milhares de vidas foram tomadas ou afetadas para sempre com apenas duas explosões. Todos os anos, no dia 6 de agosto em Hiroshima, e 9 de agosto em Nagasaki, são realizadas enormes cerimônias em memória aos mortos das bombas atômicas, com a presença do Imperador e da Imperatriz. As cidades podem ter sido reconstruídas, mas o trauma é permanente. Cada um dos sobreviventes tem uma história de dor e terror, e uma tristeza que nunca desaparece. Muitos não conseguem sequer falar sobre o assunto, mesmo décadas depois. Os poucos que conseguem, mesmo após tanto tempo, não conseguem evitar a voz trêmula e as lágrimas. Em comum, cada hibakusha (sobrevivente da bomba) tem a esperança de que aquilo que aconteceu com eles nunca mais se repita.

Numa época em que a ameaça de que a tecnologia das armas nucleares caia em mãos de grupos extremistas terroristas, e na qual um crescente número de nações almeja a posse de tal tecnologia, apesar dos já conhecidos enormes riscos e poucos benefícios que a energia nuclear oferece, é essencial relembrar Hiroshima e Nagasaki. Paz mundial não é uma utopia, mas uma necessidade para a sobrevivência da humanidade. O slogan "Hiroshima Nunca Mais" permanece tão atual quanto na época em que foi criado.

Escrever sobre a Bomba Atômica possui dois aspectos distintos, como no filme "Titanic". Assim, neste artigo, o assunto está dividido em duas partes - uma objetiva e outra subjetiva, como no filme. A primeira parte, de caráter mais técnico e histórico, trata da bomba em si e de detalhes do bombardeio. A segunda parte trata do impacto humano, de histórias e questões dos sobreviventes, e de como a bomba gerou questionamentos éticos e políticos até nossos dias, incorporando-se à cultura contemporânea.

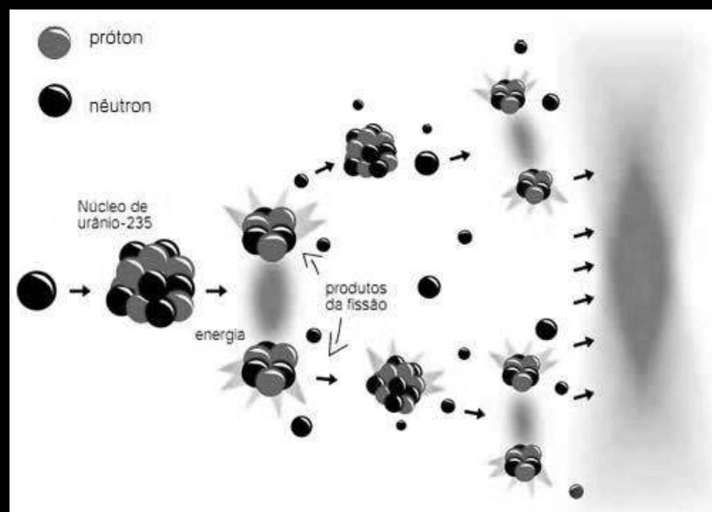
BREVE HISTÓRIA DA BOMBA ATÔMICA



O texto a seguir foi compilado do livro "História em Revista - A Arte da Guerra", publicado pela Time-Life e Abril Livros em 1993.

"Desde os primeiros anos do século XX, os cientistas sabiam que poderosas forças habitavam o mundo invisível do átomo. Em 1938, dois cientistas alemães conseguiram romper o núcleo do maior átomo da natureza: o do urânio. Nesse processo, houve desprendimento de energia - numa quantidade imensamente maior do que a gerada por reações químicas. (Cálculos subseqüentes indicaram que a fissão nuclear, como o processo de ruptura do núcleo do átomo ficou conhecido, podia produzir 40 milhões de vezes mais energia do que o máximo obtido por meios químicos, inclusive a combustão das bombas convencionais).

Notícias do que os alemães haviam conseguido espalharam-se rapidamente e em breve os físicos da Inglaterra, França, Estados Unidos e Japão engajavam-se em experiências similares. Em 1939, na Universidade de Columbia, na cidade de Nova York, Leo Szilard, refugiado húngaro que abandonara seu país para escapar aos nazistas, demonstrou que a fissão nuclear liberava nêutrons, partículas subatômicas que podem romper o núcleo de outros átomos, liberando ainda mais nêutrons - e assim por diante, em uma reação em cadeia auto-sustentável. "Nessa noite", afirmou Szilard, "eu soube que o mundo se cobriria de tristeza".



Entretanto, logo os físicos descobriram que a fissão auto-sustentável só era possível com o U-235, um isótopo que constituía uma ínfima fração do urânio de ocorrência natural, ou com um novo elemento chamado plutônio, que podia ser criado bombardeando com nêutrons o principal isótopo de urânio, o U-238. A obtenção de quantidades significativas de qualquer das duas substâncias propunha um problema incrivelmente difícil à física, à química e à engenharia. Durante os anos da guerra, somente os Estados Unidos dispunham de recursos e de meios científicos (sem contar a capacidade intelectual de dezenas de físicos que haviam fugido ao nazismo) para a tarefa. O esforço americano, conhecido como Projeto Manhattan, custou mais de 2 bilhões de dólares e, em seu auge, empregou mais de 600 mil pessoas, trabalhando sob condições cuidadosamente planejadas para manter o segredo.

Às 5:30 do dia 16 de julho de 1945, uma bomba atômica feita de plutônio foi testada com sucesso

no campo de Alamogordo, no Novo México. A centenas de quilômetros de distância, as pessoas acharam que havia ocorrido um terremoto, ou que um meteorito gigante caíra nas proximidades. A luz da explosão poderia ter sido vista até em Marte. No mesmo momento, o presidente Harry Truman estava em Potsdam - nos arredores de Berlim - discutindo a política do pós-guerra com Winston Churchill e Joseph Stalin. Quando foi confidencialmente informado por sua equipe do sucesso da explosão no Novo México, ele referiu-se à bomba como a "maior coisa da história". Ele tencionava usá-la para pôr fim à guerra com o Japão. (...)



No início da manhã de 6 de agosto, um B-29 que recebera o nome de Enola Gay decolou da ilha de Tinian com uma escolta de dois aviões e voou 2.400 quilômetros até Hiroshima, uma cidade com 280 mil habitantes e algumas fábricas de material bélico. O avião aproximou-se a uma altitude de 9.450 metros, lançou sua única bomba e afastou-se imediatamente da cidade em uma manobra violenta. Quarenta e três segundos depois, às 8:16:02 horas, horário de Hiroshima, a bomba explodiu, 580 metros acima do pátio de um hospital. A energia liberada equivalia a 20 mil toneladas de TNT. O Enola Gay, que então já se afastara mais de 18 quilômetros do local, foi chacoalhado como uma rolha, quando as ondas de choque o atingiram.

O que aconteceu abaixo da explosão foi a devastação total. Um patologista americano pertencente a uma equipe de investigação após a guerra fez o seguinte relato: "Junto com o clarão de luz houve uma instantânea onda de calor (...) sua duração foi provavelmente inferior a um décimo de segundo, mas sua intensidade foi suficiente para que os objetos inflamáveis mais próximos (...) ficassem em chamas, os postes fossem lançados a 4 mil jardas (3.658 metros), o granito se enrugasse, a uma distância de 1.300 jardas (1.189 metros) de distância".



A bomba lançada em Hiroshima foi apelidada de Little Boy. Media pouco menos de 3 metros de comprimento, pesava 4 toneladas e foi armada com uma carga de urânio 235. Para impedir uma explosão prematura, ela tinha três detonadores separados. O último detonador foi acionado por radar, quando a bomba estivesse cerca de 580 metros de altitude, altura esta que segundo cálculos provocaria danos máximos à cidade. A bomba lançada em Nagasaki era um pouco diferente da de Hiroshima. Chamada de Fat Man, ela era mais arredondada e um pouco maior que a Little Boy. Media 3 metros e 20 centímetros de comprimento, tinha um diâmetro de um metro e meio, pesava 4 toneladas e meia e tinha

uma carga de plutônio 239. A potência da bomba de Hiroshima foi de 13 quilotons (o equivalente a 13 mil toneladas de TNT). Ela destruiu literalmente tudo que havia num raio de dois quilômetros da explosão (a título de comparação, supondo que uma dessas bombas explodisse na cidade de São Paulo sobre a Catedral da Sé, no centro da cidade, a área de destruição total abrangeria os bairros da Liberdade, Cambuci, Brás, Bom Retiro, Bela Vista, República e a região próxima à Universidade Mackenzie). A taxa de sobrevivência no raio de um quilômetro do epicentro da explosão foram de menos de um habitante a cada grupo de mil. Robert Lewis, co-piloto do Enola Gay, referindo-se à explosão, escreveu em seu diário: "Meu Deus, o que foi que nós fizemos?"



Little Boy



Fat Man

AUSÊNCIAS

Quando o assunto é bomba atômica, algumas imagens são iconográficas. Tornaram-se clichês em nossa memória. De imediato vêm à mente o cogumelo de fumaça e as ruínas esqueléticas de um único prédio que permaneceu em pé no centro de Hiroshima, numa paisagem onde tudo mais virou cinzas e escombros que não passam da altura dos joelhos. Curiosamente, não há nessas imagens a presença de pessoas.



Não vincular tais imagens de destruição a pessoas não é um acaso. Durante décadas evitou-se mostrar o que a bomba atômica causou aos habitantes de Hiroshima e Nagasaki. Mesmo considerando-se o grau de preconceito anti-nipônico que havia no ocidente durante a 2a Guerra, mostrar as imagens do que as explosões causaram à carne humana, era censurado. Durante anos relatos dos sobreviventes e imagens de restos mortais que se misturaram aos escombros do que antes foram cidades cheias de vida e atividade, cada uma na época com mais de 200 mil habitantes, não puderam ser trazidos à tona na grande imprensa.



Entre os japoneses, durante décadas, as palavras "bomba atômica", "Hiroshima" e "Nagasaki" foram um tipo de tabu e raramente eram pronunciadas juntas numa mesma frase.



Tendo se passado mais de 60 anos do fim da 2a Guerra Mundial, logo não haverá mais sobreviventes das explosões para relatar suas tristes experiências, mas o legado permanece através de algo menos visível. As novas gerações de japoneses e seus descendentes aprendem o significado da bomba atômica, antes mesmo de saber exatamente o que ela foi, através de ausências. Permitam-me contar duas histórias individuais.



Ype Nakashima foi um imigrante japonês que veio viver no Brasil logo que as relações diplomáticas entre ambos os países, suspensas durante a 2a Guerra, foram retomadas. Ele se estabeleceu em São Paulo, num grande edifício de apartamentos no centro da cidade. Era um artista formado em Kyoto, onde também aprendeu técnicas cinematográficas e animação. Em sua nova pátria, Nakashima passou a atuar em publicidade, mas ele tinha um projeto pessoal mais ambicioso: realizar o primeiro desenho animado longa-metragem em cores do Brasil. Meus avós maternos moravam no mesmo prédio em que Nakashima-san morava, e tornaram-se amigos.



Nos anos 60, com recursos limitados, Nakashima-san teve a idéia de recorrer à colônia japonesa para realizar seu longa-metragem animado. Ele não pediu dinheiro, mas mão-de-obra voluntária. Ele publicou anúncios em um jornal da colônia pedindo para pessoas que tivessem alguma aptidão para desenhar que viessem ajudá-lo na produção do desenho. Ele não tinha condições de remunerar seus auxiliares, mas retribuía os colaboradores com hospitalidade e refeições. Aos amigos que não desenhavam, ele pediu ajuda de outras formas. A família de meu avô fez parte de um tipo de "mutirãozinho" que durou meses, reservando páginas de revistas de fotos em cores, que Nakashima-san depois selecionaria, recortaria e montaria para usar em

sua animação. Minha mãe chegou a pintar acetatos para o Nakashima-san, que em retribuição a presenteou no dia de seu casamento com um quadro em aguada, com a vista da cidade que ele tinha da janela de seu apartamento, mostrando o alto dos edifícios da Avenida Paulista no horizonte.



Numa tarde, meu avô me convidou para ir ao cinema para ver "Piconzé" - um desenho que estava sendo anunciado com ênfase nos jornais da colônia, mas do qual mal havia um anúncio nos jornais em português. Fomos a um pequeno cinema, que ficava numa galeria na rua Barão de Itapetininga. Havia pouca gente na platéia. Na volta para casa, andando pelas ruas esvaziadas no fim da tarde, meu avô me comentou, estranhamente entristecido, que o desenho que tínhamos acabado de ver havia sido feito pelo Nakashima-san - uma obra que levou dez anos para ser realizada. E daí ele me contou que o amigo havia morrido fazia pouco tempo. Mesmo para os padrões da época, Nakashima-san faleceu jovem, na casa dos 40 anos. Depois, fiquei sabendo que ele era um sobrevivente de Nagasaki. Ele parecia uma pessoa normal, mas desde a explosão sua saúde tornou-se frágil. Não houve exames ou testes científicos que ligassem a morte dele à radiação - nada havia no Brasil na época para apurar isso. Já em minha infância a expressão "bomba atômica" tornou-se sinônimo de uma assombração que era capaz de perseguir suas vítimas, por mais tempo que se passasse, por mais distante que elas estivessem do local onde a coisa ocorreu.

Em 1984, entrei num cursinho para me preparar para a Fuvest. No segundo dia de aula conheci uma menina de 18 anos, Leiko. Eu e uma menina não-descendente que estava concorrendo a uma vaga em jornalismo nos tornamos colegas dela. A que chegasse primeiro reservava lugares para as demais, uma vez que as salas ficavam lotadas nos primeiros meses de aula. Leiko era afável, mas não era de conversar. Era com certeza a mais séria de nós três. Durante algum tempo, ela freqüentou diariamente o cursinho, e depois começou a faltar um dia ou dois por semana. Quando perguntávamos o que tinha ocorrido, ela apenas respondia que tinha passado mal. Nunca suspeitamos de algo sério. Um dia, ela parou de vir às aulas, mas continuamos reservando uma carteira para ela. Durante duas semanas esperamos que ela voltasse.

Quase um mês após a última vinda da Leiko ao cursinho, o professor de química entrou na sala alterado. Ao invés de "despejar" a matéria de imediato como de costume, ele disse que estava vindo de um funeral de uma menina que estudava em nossa sala: ela. Eu e minha colega tivemos um choque. O professor, que conhecia a família dela, passou a contar a história de uma tragédia familiar. Os pais da Leiko eram sobreviventes da explosão de Hiroshima. Sem seqüelas aparentes e acreditando que não haviam sido afetados pela radiação, tiveram filhos e construíram uma vida na nova pátria. Tudo ia bem, até que no ano anterior o filho do casal,

irmão mais velho da Leiko, foi diagnosticado com leucemia e faleceu em poucos meses, aos 18 anos. Um ano depois, a filha também morre, da mesma forma e com a mesma idade que o irmão. Os pais estavam mais do que inconsoláveis - amigos e familiares temiam que eles fizessem algo contra si mesmos. Cientistas afirmam que as taxas de câncer entre os sobreviventes da bomba são "levemente acima do normal". Fiquei me perguntando como esses cientistas explicariam isto a aqueles pais? Transtornado, naquele dia o professor trocou as regras das equações químicas e as musiquinhas para decorar a tabela periódica por um discurso contra as armas nucleares. Até hoje me recordo da explicação do "efeito foguete", relatado por mães que tiveram seus bebês arrancados das costas pela força do vento da explosão (as mães japonesas tinham o hábito de carregar os bebês com grandes lenços amarrados nas costas).



Sei que são meras conjecturas, mas não consigo deixar de pensar no que Nakashima-san e Leiko poderiam ter realizado se tivessem tido mais tempo. E no quanto essas mortes prematuras me parecem injustas. Enquanto seu corpo permitiu, ela veio ao cursinho - atitude de quem confia no futuro, tem esperança. Nakashima-san tinha esboços para um segundo longa-metragem animado. Recentemente, "Piconzé" teve seu valor reconhecido ao ser restaurado e exibido pela primeira vez no Japão, no Festival Internacional de Animação de Hiroshima, representando o Brasil.

É desta maneira - por ausências - que muitos japoneses e seus descendentes aprendem o que é a bomba atômica. É algo muito diferente da técnica, fria e científica descrição que a maioria dos livros expõem.

RELATOS E IMAGENS

Outra maneira pela qual sabemos o que significa a bomba atômica é pelo relato dos sobreviventes, os hibakusha.

Ao longo de décadas divulgou-se amplamente - talvez para reduzir o desconforto que causa à consciência - que a maioria das vítimas das explosões atômicas morreram instantaneamente. Os relatos de sobreviventes, entretanto, nos leva a questionar tal afirmação.





Cientistas americanos enviados a Hiroshima para analisar os efeitos da explosão em objetos e pessoas calcularam que os que estavam dentro do raio de 1 quilômetro de distância do hipocentro (denominação técnica do local da explosão, também chamado de ground zero - expressão hoje famosa para assinalar o local onde ficava o World Trade Center, destruído no atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 em Nova York, mas que foi usada pela primeira vez em Hiroshima) teriam morrido de imediato - o que se subentenderia "sem sofrimento". Isso porque nesta área o calor emitido pela explosão alcançaria a temperatura de 6 mil graus Celsius (uma pista disso foram bolhas formadas em telhas de pedra). De fato, as pessoas que estavam a menos de 500 metros do hipocentro sem qualquer objeto que eventualmente agisse como barreira contra os efeitos diretos da explosão não tiveram qualquer chance.

O mero clarão da explosão desintegrou algumas pessoas. Durante anos uma misteriosa sombra impressa nos degraus que restaram da entrada de um prédio no centro de Hiroshima intrigou os pesquisadores, até que se descobriu tratar-se da sombra de uma pessoa que estava sentada naqueles degraus, desintegrada no momento da explosão. Outras centenas faleceram daquilo que passou a ser comumente chamado de "fervura do sangue" - a altíssima temperatura gerada pela explosão fez tudo o que fosse líquido ferver. No caso do corpo humano, o sangue entrou em ebulição e órgãos internos cozinharam. A morte foi tão instantânea nestes casos que corpos carbonizados de passageiros de bondes foram encontrados exatamente na posição em que estavam - alguns sentados segurando vestígios de bolsas ou pacotes, outros em pé, segurando-se nas barras de apoio. A grande maioria, entretanto, teve tempo suficiente para ter consciência de que iriam morrer, subentendendo-se, obviamente, que houve sofrimento.



Yoshitaka Kawamoto tinha 12 anos quando estudava numa escola primária em Hiroshima, a 700 metros do hipocentro. Teria sido um dia de aula normal, quando todos ouviram o som de um avião se aproximando - o que era estranho, pois as sirenes de alerta não haviam tocado, o que de imediato teria feito os professores evacuar as salas e direcionar os alunos para os abrigos. A criançada curiosa levantou-se das carteiras e correu para as janelas para observar o avião. Kawamoto sentava-se longe da janela, e não conseguiu chegar até ela. Ele acha que no momento do clarão ele estava atrás de uma parede de concreto, que o poupou de queimaduras mais sérias, e quando veio o estrondo e o impacto da

explosão, o andar de cima desmoronou. Um calor absurdo o fez sentir como se estivesse cozinhando vivo. Alguns instantes depois, em meio a pó, entulho, choro e gritos de desespero, Kawamoto deu-se conta de que estava ferido (um braço quebrado, estilhaços de vidro pelo corpo e queimaduras), mas estava vivo. Procurou seu melhor amigo, um colega de classe, chamando-o pelo nome. O amigo, muito ferido e cego pelo clarão, o ouvia e tentava ir até onde Kawamoto estava tentando ficar em pé, mas caía ao fazê-lo, provavelmente com a coluna fraturada. Kawamoto percebeu que não apenas seu amigo, mas todos seus colegas estavam na mesma situação, gravemente feridos. Queria ajudá-los, mas eram muitos e ele era o único que ainda conseguia andar. Sentindo que ia morrer, o amigo pediu a Kawamoto que entregasse seu caderno à sua mãe. Kawamoto remexeu no entulho até encontrar o caderno do amigo e fugiu. No pátio da escola, encontrou seu professor de educação física. O homem estava completamente desfigurado, em carne viva, com grandes pedaços da pele desgrudados do corpo, mas Kawamoto reconheceu-o pela voz. Mesmo naquele estado, o professor estava carregando um aluno morto, e lhe ordenava a ajudar a recolher os corpos de outros alunos que estavam espalhados pelo pátio, amontoando-os sobre um carrinho para carregar material. Não houve tempo para fazer muito. Pouco depois, o professor simplesmente caiu morto.



Durante horas, Kawamoto andou pelas ruas de Hiroshima procurando ajuda, mas tudo que ele encontrava era mais mortos, gente queimada, desmembrada e incêndios. A destruição tinha tornado a cidade irreconhecível e ele vagou perdido pelo que havia restado das ruas, até finalmente desmaiar de exaustão. Acordou olhando para um soldado, que lhe explicou que ele havia ficado inconsciente e delirado por dias. Alguns dias depois sua mãe, ilesa por morar na zona rural de Hiroshima, atrás das montanhas que circundam a cidade, o encontrou. Em casa, Kawamoto adoeceu e perdeu os cabelos - a "doença da bomba".



Na época, isso era prenúncio de morte certa. "Se hoje estou vivo, é graças à minha mãe", contou Kawamoto. "Não sei o que ela me dava, mas lembro-me de que ela saía às 3 da madrugada para buscar uma erva que crescia a uma caminhada de uma hora de casa, com a qual ela fazia um remédio para eu tomar. Não sei se foi essa erva, mas aos poucos eu melhorei. Sem a dedicação dela, eu teria morrido". Kawamoto foi o único sobrevivente da escola onde estudava.

Assim como muitos hibakusha, Kawamoto procurou reconstruir sua vida evitando as lembranças do dia da explosão. Posteriormente, ele procurou a mãe do amigo, a quem havia prometido entregar o caderno de classe. Infelizmente, Kawamoto perdeu o caderno quando desmaiou

no dia da explosão, mas cumpriu o desejo último de seu amigo, de ao menos fazer sua mãe saber que ela estava em seus últimos pensamentos. Kawamoto casou-se, mas não teve filhos, temendo que a exposição à radiação causasse danos a seus descendentes. Entretanto, já sexagenário, decidiu enfrentar a dor das lembranças e tornou-se diretor do Hiroshima Peace Memorial Museum.



Kawamoto, atrás, réplica da Little Boy

Durante anos ele narrou pessoalmente sua história aos visitantes do museu, diante da maquete que reproduz a cidade em ruínas pouco depois da explosão, indicando com o próprio dedo onde se localizava a escola onde sua geração pereceu.

Nenhum relato, entretanto, tornou-se mais completo, mais comovente e mais conhecido no mundo inteiro que uma história em quadrinhos. Entitulada Hadashi no Gen (Gen, Pés Descalços), esta narrativa de mais de 800 páginas foi escrita e desenhada nos anos de 1972 e 1973 por Keiji Nakazawa - ele mesmo um sobrevivente da explosão de Hiroshima. Não se trata de uma história em quadrinhos ficcional. "A história de Gen é a minha história; a família dele é a minha", explica Nakazawa em entrevistas, que até hoje não consegue evitar a emoção e a voz embargada ao dizê-lo. No dia da explosão, Nakazawa perdeu o pai, a irmã mais velha e o irmão caçula, presos nos escombros da própria casa, construída de madeira e que ruiu com a onda de choque. Aos 7 anos, ele presenciou sua família ser carbonizada viva, quando o incêndio que tomou a cidade após a explosão atingiu a casa.


Keiji Nakazawa, aos 71 anos

A QUESTÃO HIBAKUSHA

Nem todas as histórias de sobreviventes da bomba são uma sucessão de tragédias. Embora raras, algumas dessas pessoas têm experiências relativamente felizes para relatar, embora as tristes lembranças do que elas viveram no dia da explosão tenham alterado suas vidas para sempre.

Em 1945, Takashi Morita era um jovem soldado mais preocupado em sobreviver do que lutar. Havia se alistado, pois no exército ainda havia comida - o resto da população no Japão passava fome com o racionamento. Ele estava em Tóquio em março, quando nos dias 9 e 10 os americanos bombardearam a cidade por horas e 80 mil pessoas morreram. Isso fez com que ele pedisse transferência para sua cidade natal, Hiroshima, que curiosamente se mantinha intacta, poupada dos bombardeios. Ele achou que seria mais seguro voltar para casa.

Após meses de espera, Morita finalmente conseguiu sua requisitada transferência - ele chegou à cidade apenas poucos dias antes do fatídico 6 de agosto. No dia da explosão, ele estava num bonde, com alguns outros soldados a caminho do quartel. Ele havia acabado de descer do bonde, quando

sentiu o vento levantá-lo pelo ar e arremessá-lo ao chão a quase cem metros de onde estava. Ele ficou atordoado por alguns instantes, e se recorda de um súbito calor calcinante. Ao olhar para trás, à procura de seus colegas, viu que eles não haviam tido sorte. O bonde do qual havia acabado de sair estava em chamas, e ele achou que o veículo havia explodido. Mas bastou ele olhar ao redor para perceber que algo muito maior havia ocorrido. Havia muita gente ferida e a destruição era grande demais para uma bomba comum. Ele tentou socorrer um menino muito queimado, cujas últimas palavras foram "senhor soldado, por favor, vingue a minha morte".

Infelizmente aqueles eram tempos de guerra, e Morita ainda fica com os olhos cheios de lágrimas ao se recordar do desconhecido garoto. Mesmo sentindo dor nas costas e nuca (mais tarde Morita descobriu que eram queimaduras da explosão atômica), ele se dirigiu ao centro da cidade para ajudar no socorro à população. As cenas de terror daquele dia, mais de 60 anos depois, ainda lhe causam pesadelos. Ele se lembra de ter sentido uma sede anormal e repentinamente desmaiar, vindo a acordar dias depois num hospital de campanha.



Tendo sido exposto à radiação, Morita adoeceu seriamente, perdeu os cabelos, mas diferentemente de muitos, sobreviveu. Nos anos 50 decidiu tentar reconstruir a vida no Brasil. Estabeleceu-se em São Paulo, onde trabalhou como ourives e joalheiro. Aposentou-se, mas não parou de trabalhar, e abriu duas mercearias especializadas em comida japonesa e um restaurante. Morita casou-se com uma sobrevivente de Hiroshima; teve dois filhos e vários netos. Como todo hibakusha, Morita sempre se preocupa com a própria saúde e a de seus descendentes, e afirma aliviado que todos são saudáveis.

Hoje octagenário, Morita-san é um caso à parte. Lúcido, ativo e bem-humorado, ele costuma dizer que "eu passei por dois dos piores bombardeios da 2a Guerra no Japão. Não sei se isso é sorte ou azar. Se eu sobrevivi, é porque realmente não era para eu morrer cedo". Ele é certamente afortunado, mas isso não quer dizer que Morita, assim como todos os hibakusha não tenham tido difíceis dias seguintes após a bomba.

Diferentemente do que hoje se imagina, as vítimas da bomba atômica não dispuseram de imediato da simpatia ou da compaixão pública. As explosões causaram problemas inéditos na história da humanidade, no campo da política, das relações internacionais, até de ordem social. As seqüelas permanentes das queimaduras radioativas - as quelóides - desfiguraram muitos dos sobreviventes a ponto de serem impedidos de terem uma vida social comum. A exposição à radiação criou um medo generalizado de que descendentes dos sobreviventes viessem inexoravelmente a desenvolver doenças como o câncer e problemas físicos de má formação congênita. A condição de hibakusha levavam muitos a se opor a um casamento e por isso durante

décadas os sobreviventes ou tiveram de ocultar o fato, ou se casaram com também sobreviventes.

Em qualquer lugar e cultura, desinformação gera medo, e o medo gera preconceito. Por décadas, principalmente nos Estados Unidos, evitou-se divulgar o que de fato havia ocorrido com as pessoas que estavam em Hiroshima e Nagasaki. O mundo estava ideologicamente dividido pela Guerra Fria, e o governo americano não queria que sentimentos de culpa gerassem movimentos pacifistas que dividissem a opinião pública. Mesmo no Japão - transformado no pós-guerra em país aliado dos Estados Unidos em função de sua posição estratégica no tabuleiro de interesses da Guerra Fria - procurou-se manter a questão hibakusha fora da mídia. Era mais importante mostrar as cidades reconstruídas do que falar sobre as cicatrizes físicas e psicológicas dos sobreviventes.



Os ferimentos e as doenças atípicas causadas pela radiação criaram um desafio para a medicina. Não havia nem conhecimento nem experiência para o tratamento eficaz das vítimas. Logo após a explosão até ossos esmagados dos mortos nas explosões foram usados pelos sobreviventes como medicamentos - o que indica o grau de desabastecimento de remédios e curativos básicos, e o desespero das pessoas na época. A experiência ao longo de décadas tratando dos sobreviventes da bomba, por outro lado, fez com que o Japão desenvolvesse o que hoje é um avançado know-how no tratamento de doenças da radiação. Esse tratamento especializado é prestado gratuitamente aos hibakusha no Japão. Entretanto, tal regra não se aplica aos sobreviventes que emigraram para outros países, como os imigrantes japoneses que vieram para o Brasil.



É para estender tal benefício aos hibakusha que vivem no Brasil que Takashi Morita fundou aqui uma associação: a Associação das Vítimas da Bomba Atômica. "Não se trata de um favor ou algo excepcional" - explica Morita - "É um direito que os sobreviventes têm, e é um tratamento que só existe no Japão. Já é difícil para cada hibakusha ter que ir até o Japão, e custear a viagem e a estadia do próprio bolso. Pagar despesas médicas particulares lá é algo impossível".

O LEGADO CULTURAL NUCLEAR

Por muitos anos, o que ocorreu em Hiroshima e Nagasaki foi ocultado do grande público. Num primeiro momento, o governo japonês da 2a Guerra ocultou os bombardeios atômicos do povo japonês, com a distorcida prioridade de manter o "moral popular e das tropas elevado". Num segundo momento foi a vez do governo americano, logo após a rendição do Japão, pelas

também distorcidas razões e estratégias da nascente Guerra Fria. Em qualquer tipo de guerra, a ética e o humanitarismo são as primeiras vítimas.

Relatos superficiais do grau de destruição causado pelos bombardeios atômicos geraram um sentimento generalizado de medo, que se acentuou a partir de 1949 quando a União Soviética conseguiu fazer explodir sua primeira bomba nuclear num teste, iniciando uma corrida armamentista bipolarizada.



A "Bomba-Tsar" apelidada de "Ivan" a mais potente arma nuclear já detonada. 57mt.

A restrição de informações, entretanto, não fez com que o medo se dissipasse - muito ao contrário. Em 1954, um teste de armas termonucleares americanas no Atol de Bikini chegou à potência de 15mt (megatons), (o equivalente a 15 milhões de toneladas de TNT, ou cerca de 1.150 bombas de Hiroshima). A sensação de que a humanidade era capaz de cometer um haraquiri (ritual samurai de suicídio) nuclear a qualquer instante, dependendo do estado de espírito de líderes políticos confortavelmente instalados em bunkers, não era infundada.

A mera possibilidade de uma hecatombe nuclear gerou um medo que se instalou na cultura da época, e a censura sobre o assunto na mídia - fosse ela auto-promovida ou não - fazia com que o tema fosse tratado apenas de forma poética ou através de analogias. É curioso observar que assunto tão sério foi tema de vários filmes de baixo orçamento do então engatinhante gênero ficção científica. Popular, mas tratado com desdém pela crítica especializada, este gênero de filmes refletiu o medo nuclear da época e produziu um ícone. "Godzilla" (em japonês, "Gojira"), filme de 1954 dos estúdios Toho, foi protagonizado por um monstro gigante gerado pelos testes em Bikini, que chega ao Japão destruindo tudo pelo caminho com seu enorme rabo e matando pessoas com seu bafo radioativo, numa analogia aos bombardeios atômicos. Em 1959, "Hiroshima Mon Amour", produção franco-japonesa, ganhou a Palma de Ouro do Festival de Cannes e tornou-se um sucesso internacional tratando de forma séria, mas poética, a questão do medo nuclear, apresentando imagens dos sobreviventes da bomba atômica como pano de fundo de um filme romântico.

Entre os japoneses, entretanto, há um traço marcante resultante da experiência atômica: o caráter pacifista. A consciência de que a energia nuclear traz mais problemas que benefícios fez do país uma das poucas nações-membro do seleto grupo dos mais ricos do mundo capaz de desenvolver armas nucleares, mas que se abstém de fazê-lo. Um dos benefícios de tal opção está no fato do Japão não apenas ser a 2a maior economia do mundo, mas também ser um dos países com a melhor distribuição de renda do globo. O dinheiro que seria gasto com armas simplesmente foi usado em propósitos mais positivos. Mágoas à parte, os hibakusha são sinceros quando dizem "que sejamos os únicos". E que nunca mais ocorra o que ocorreu em Hiroshima e Nagasaki.

Texto por Cristiane A. Sato.

Nossas Considerações:

Centenas de Milhares de vidas devastadas em segundos.
Mas a devastação apenas começou em segundos, ela perdura, até hoje. Dias após os atentados, soldados e cientistas americanos chegaram ao Japão, ao contrário do que se acredita, não foram prestar auxílio, mas sim, começar uma série de testes tanto no local quanto nos hibakusha, elxs, deformados, feridos, extremamente doentes, eram apenas acompanhados, tratadxs como cobaias do experimento radioativo, humilhadxs. Humilhação que devido ao preconceito os perseguiu e persegue até hoje. Durante muitos anos nas regiões afetadas pela bomba não era possível plantar alimentos sem que eles fossem contaminados e impróprios ao consumo, não se podia tocar o solo sem proteção ou mesmo beber a água do local. Até hoje, a incidência de câncer é crescente, o principal ainda é a leucemia, mas ocorrem de todos os tipos.
A necessidade de lançar as bombas era claramente inexistente como manobra de guerra, a guerra em si já estava por terminar, o próprio Japão já se encontrava no chão, mas o atentado era importante, útil como demonstração de poder para se obter hegemonia no pós-guerra. Poder. Poder bélico, poder econômico, poder sempre vale mais do que vidas.
No punk, desde os anos 80, a temática anti nuclear sempre esteve presente, tanto nas músicas quanto nas manifestações pelo mundo. No Japão há muitos punx envolvidos em grupos de apoio aos hibakusha e em manifestações anti nuclear.
Nos dias atuais, principalmente quando se trata de crust e d-beat, o tema nuclear é recorrente, e por vezes tão vazio que parece homenagear a guerra e não suas vítimas, ou mesmo alertar dos seus riscos, que ainda é real e necessário nos opormos, é importante lembrarmos que a postura anti nuclear é uma necessidade, não apenas uma estética utilizada dentro de um estilo.
Como disse no começo da matéria, não é algo de um passado distante que jamais se repetirá, é uma ameaça real e constante. É importante mantermos essa história viva, para que nunca mais aconteça.

(Ao som de FRAMTID - Land of Devastation)



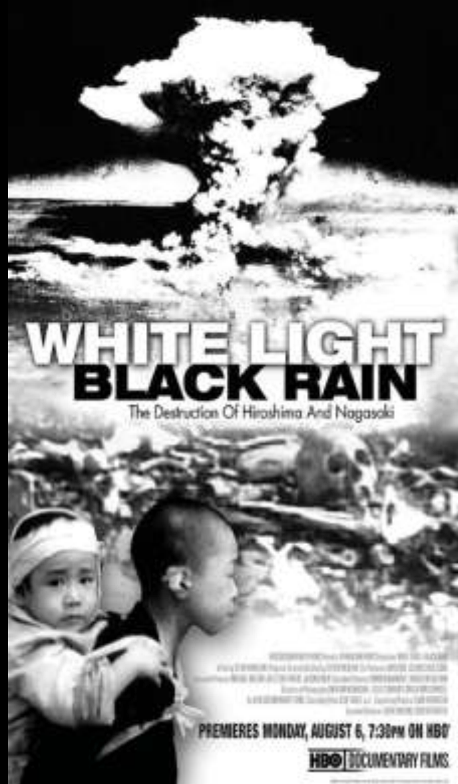
INSANITY CRUSTIES RECOMENDA:

Existem diversas produções sobre o tema, umas apenas bem científicas e outras um tanto frias, recomendamos estas duas por conter não só história e base científica, mas muito sentimento e vivência deste drama brutal.



"Gen, Pés Descalços"

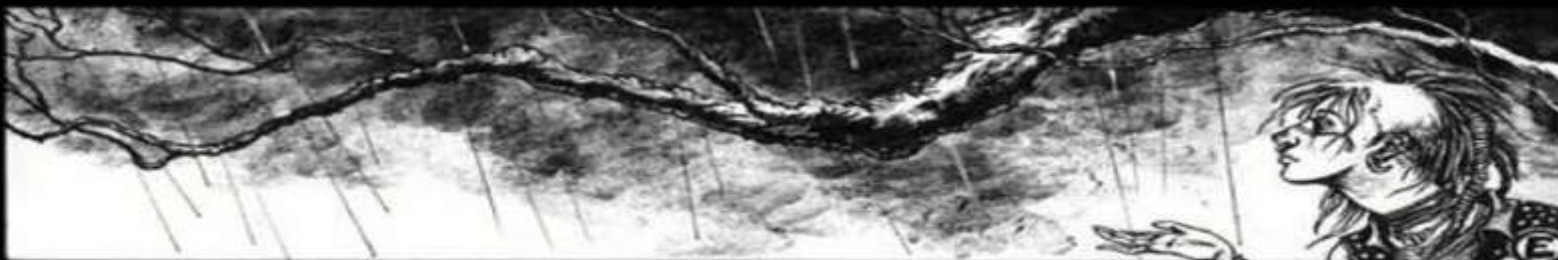
Um clássico não só dos quadrinhos, mas da literatura japonesa. Keiji Nakazawa, como descrito anteriormente, foi um dos sobreviventes da bomba atômica que caiu sobre Hiroshima. Neste material ele narra fatos da sua vida e de outros sobreviventes.
Um dos méritos de Nakazawa é narrar também a vida cotidiana dos japoneses no período da guerra, que nós ocidentais pouco conhecemos. Ficamos a par, por exemplo, da discriminação da família de Gen por serem contra a guerra, do fanatismo nacionalista irracional e do desprezo aos imigrantes. Mas é em relação à catástrofe nuclear que o autor se supera. Não só em descrever o horror, mas também por demonstrar a capacidade que uma tragédia dessas tem de provocar o que há de pior e de melhor em nós.
Em 1983 também foi lançada versão anime deste mangá, vale a pena conferir!

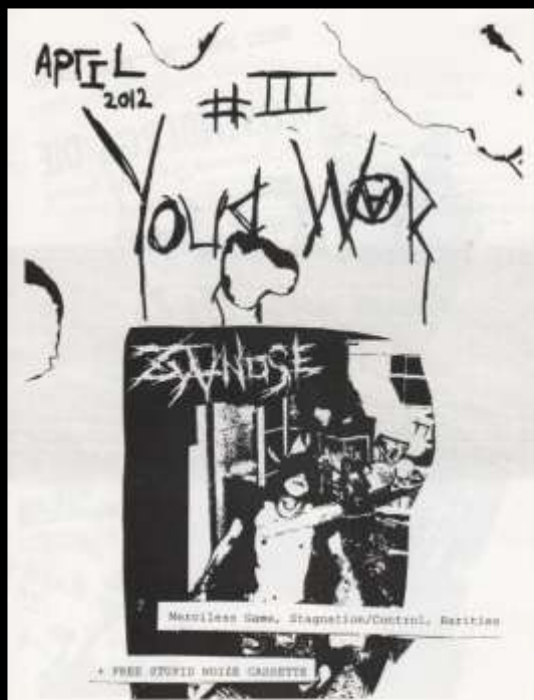


"White Light/Black Rain. The Destruction Of Hiroshima and Nagasaki"

O documentário é primeiramente um resgate da memória hibakusha.
Em torno de 75% da população japonesa tem menos de 60 anos, 6 de agosto para a maioria dos jovens não significa mais nada e o preconceito com os sobreviventes da bomba fez com que muito dessa história fosse esquecida, mas não no corpo e na mente dos hibakusha e seus descendentes.
Apesar de ser um documentário que explica muita coisa por um viés técnico, que expõe de maneira clássica fatos históricos, ele também é recheado de sentimentos e vivências. É possível se emocionar e se horrorizar com os presentes depoimentos dos sobreviventes, os momentos vividos, as pessoas perdidas, a desesperança, as dores, cicatrizes, doenças, o preconceito.

RESENHASRESENHASRESENHASRESENHASRESENHAS

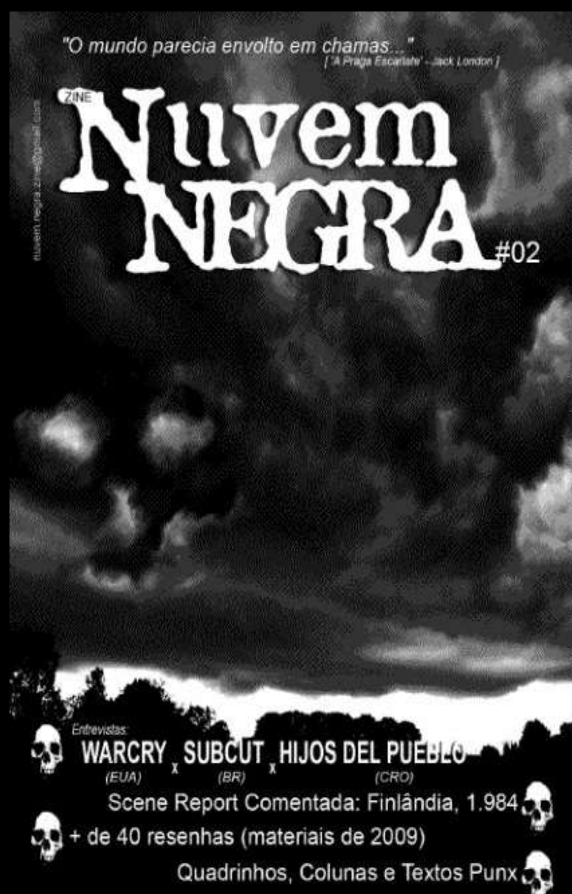




YOUR WAR #3

Zine de Lynchburg, Virginia, editado por Zach Flanery (Violent Party, Stupid Noise). A aparência do zine em si é muito bonita, com impressão off-set em papel couché de boa gramatura. Saiu em abril deste ano e conta com resenhas de materiais atuais e também uma seção com resenhas de materiais raros japoneses (você, maníaco por punk japonês, assim como eu, vai achar muito boa!) Ainda no Japão e como matéria principal do zine temos uma entrevista com ZYANOSE, maravilhosa banda noise crust.

Disponível em:
https://www.facebook.com/unleashednoiserecords



NUVEM NEGRA #2

Zine editado pelo grande amigo Bonga (Disköntroll, Kroni, Helvetin Viemärit, Fear of The Future). O zine tem uma mistura estética que muito me agrada, a clássica estética de xerox com a praticidade para leitura que uma boa diagramação proporciona. É um zine grande, 54 páginas em formato A4 e o conteúdo é punk na tora. Logo virando a capa tem uma arte linda feita pelo Augusto Miranda (que fez nossa capa) com a letra de 1984 da banda PRAIA DE VÔMITO, banda que também faz indicações de leitura no final do zine. Entrevistas muito boas, com dúvidas que eu tinha e que queria ler as respostas das bandas, entrevistas com WARCRY, SUBCUT e HIJOS DEL PUEBLO. Resenhas de dezenas de materiais, colunas escritas por Josimas (Execradores, Tuna, Amor, Protesto y Ódio entre outras), Kleber (SPSC) e Clasher (Autônomos F.C.). Como matéria principal

temos um Scene Report da Finlândia de 1984, retirado e traduzido do zine Maximum Rock n' Roll #12 e comentado pelo autor, mais biografia de diversas bandas importantes desta cena, se quer conhecer melhor a cena finlandesa, melhor matéria impossível. Espero que saia em breve uma terceira edição deste zine. Disponível em: http://nogods-nomasters.com



NÁUSEA #1

Zine editado por Rose e Marcelo Rot (ambos da Extreme Noise Discos). Este zine é uma publicação que faltava na cena brasileira, alta qualidade de impressão gráfica em off-set, capa colorida, 80 páginas e muito conteúdo! Arte da capa incrível, com uma estética bem crust, feita por Jeferson P. Gonçalves (Rot, Unfit Scum, Helvetin Viemärit). Entrevistas muito boas, perguntas diretas, complexas, ácidas e interessadas, feitas tanto pelos editores quanto por colaboradores do zine, biografia e entrevistas com DOOM e RATTUS, resenha das gigs em SP e entrevista com EXTREME NOISE TERROR, respondida por Phil Vane (Rest In Punk) e entrevistas com 7 MINUTES OF NAUSEA, INEPSY, SPEED KILLS e APOKALYPTIC RAIDS. Na sequência matéria de 24 anos do disco "Descanse em Paz" do RATOS DE PORÃO, resenhas extremamente sinceras e textos diversos. Como se não bastasse, tudo isto ainda acompanha CD prensado, Split DOOM e RATTUS. Disponível em: http://www.extremenoisediscos.com.br



VIDA SUBMISSA #1

Zine de Goiânia, acredito que editado por Gabriel e Danny (não tem o nome dos editores no zine, me disseram que são esses que o fazem). A estética do zine é clássica, xerox com colagens e muito preto, o que gosto muito. Entrevistas feitas pelos autores com DEATH FROM ABOVE, DISKONTROLL e NUCLEAR FROST, também entrevistas dos anos 90 com ANTI CIMEX e WOLFPACK, muitas colagens e fotos além de resenhas e textos sobre vivências, gigs e shows.

Contato: vidasubmissa@yahoo.com.br ou pela Caixa Postal 445 CEP: 74001-970



IISCROTO #8

Mais uma edição do IISCROTO que aparece por aqui, o zine tem várias edições e conforme eu vou pegando em mãos os zines eu vou resenhando aqui. Zine do mano André de Carapicuíba, a estética é a mesma das outras edições, xerox e colagens muito bem feitas. 32 páginas com muito conteúdo, Entevistas com Death From Above, Antimaster, Whipstriker e Necronomicon Beast, biografia da banda Crucifix, mais resenhas de filmes, discos e zines!

Altamente recomendado!!

contato:andredrg@bol.com.br

RESENHAS À SEGUIR POR LEANDRO SHIKUU



HEAVY NUKES - ULTRA MEGA RAW 10"EP

Heavy Nukes, banda Suéca que nos apresenta um hardcore cru a lá Shitlickers, sem produções refinadas ou influências metálicas... Este trabalho nos oferece um hardcore punk cru e massivo, executado de maneira rústica, assim como os nossos ancestrais o faziam, torrentes de riffs densamente sujos mesclados á gritos de desespero, praguejando letras curtas e sem rodeios poéticos ou filosóficos. Este 10''Ep é algo devastador, e estraçalha tudo que há pela frente; sem cair nessa hype de hardcore moderno, o que você encontrará por aqui é o mais grotesco e neanderthal hardcore punk orgânico e brutal!



AVFALL - NOW! 7"EP

Demência nipônica em forma de ruídos influênciados pela insanidade suéca dos anos 80... Avfall é uma banda de Tokio, que possui fortes influências do antigo hardcorepunk suéco, porém, não deixa de ter uma identidade própria; expressando uma anti-música furiosa e típica das bandas japonesas... 7"EP lançado pela Hardcore Survives, o qual carrega as características das bandas lançadas pelo selo, ou seja, ruídos demasiados e agressividade sonora de sobra... Mob 47 encontra Moderat Likvidation e Disarm, com algumas influencias de Framtid e Gloom, finalizando , é o mais próximo que consegui descrever, desta enxurrada de riffs curtos e diretos, mesclados á fúria do hardcore japonês!



LIFE FORM - CREEPY CRAWLY 7"EP

Disorder... É a única banda que me veio em mente quando ouvi este pequeno e ruidoso pedaço de plástico... Definitivamente, este trabalho possui a fórmula "Perdition" e isso não é nenhum pouco negativo, porquê todos punx apreciam Disorder! PDX noisepunx sem remorso, este é o debut 7"EP desta nova banda de Portland, que além de possuir fortes caracteriscas do Disorder, possui um vocal diferenciado, bem mais estridente do que o comum e bem mais atordoador do que você imagina. Life Form nos deixou uma demo repleta de guitarras fuzz e agressividade, e não poderia deixar á desejar neste debut 7"EP!



LEPROSY - 5 TRACKS 7"EP

Raw noise punx de Melbourne, Austrália, nos entregando um enérgico e pulsante hardcore, com algumas influências de Discharge e Anti-Cimex... Não tão ruidoso, porém não perde nenhum pouco da usual agressividade sonora, Leprosy faz parte da leva de bandas punks novas que estão tentando resgatar o crucial hardcore punk, mas sem perder suas qualidades próprias. Lançado em 2011 pela Hardcore Victim, este 7"EP já está nas distros há algum tempo e não deixa a desejar quando os colocamos próximos aos seus conterrâneos Pisschrist e Krömosom...



PERSEVERE - TRAGIC END 7"EP

Impressionante! Uma das bandas japonesas recentes e mais competentes que apareceu em 2009... Total UK82 com um "quê" de hardcore finlandês e linhas de baixo matadoras, a Persevere nos remete ao Varukers no "Another Religion Another War" com algo de Kaaos e Riistetyt, porém, é nítido que conseguiram expressar a sua identidade própria. Hardcore Burning Spirit, com breves detalhes japcore entre Gauze, Foward e a já citada semelhança com o UK82 punk!



BRAIN KILLER - SELF TITTLED 7"EP

Brain Killer é uma banda crustpunk de Boston, que apareceu transbordando originalidade, e neste ep não poderia ser diferente... Intenso, demolidor e repleto de criatividade em suas composições, as 6 faixas deste pequeno disco estão efervescendo com linhas vocais bem trampadas, emergidas num denso caldo hardcore d-beat ruidoso e algumas pequenas passagens experimentais, letras existenciais e políticas com alguns efeitos alucinados, riffs algumas vezes pogantes e outras vezes bem distorcidos, e quando você pensa que estes riffs

punidores de ouvidos que não estão atentos acabam, a coisa toda é engolida por mais ruidos!



ISTERISMO - FOLLIA VERSO LINTERNO MLP

Formada no início do ano 2000, pela geração de garotos que se inspiraram nas lendas hardcorepunk dos anos 90 como Gloom, Disclose, CFDL e Frigöra, a Isterismo é hoje uma das bandas contemporêneas mais importantes do cenário japonês e que dividem este mesmo cenário com bandas como D-Clone e Zyanose. A Isterismo possui uma peculiaridade muito interessante, pois bebe diretamente da fonte deixada pela lendária Wretched, influencial banda Italiana, que inspirou estes japoneses fazedores de ruídos á gritarem suas letras também em italiano. Falando um pouco deste mini LP, lançado em parceria pelos selos La Vida És Un MUs e Crust War, é nele que você poderá encontrar a mesma destruição sonora, porém é possivel ouvir cada instrumento soando perfeitamente, criando um ambiente desordenado e caótico, preenchido com angústia, fúria e uma estrondosa parede de ruídos inalterada.



MELUSAASTE - MANIFESTI KUOLEVAISILLE 7"EP

Melusaaste foi formada em 2009 por garotas punks das cidades de Helsenki/Espoo e estas mesmas garotas punks finlandesas continuam usando visual punk característico com cabelos espetados e jaquetas de rebites, tocando música punk característica até os dias de hoje... Terveet Kädet encontra Pyhakoulu neste debut 7''ep, que possui excelentes letras políticas, riffs estrondosos, estridentes e rápidos, feitos por garotas punx que conseguem produzir um hardcore punk bêbado capaz de ofender as autoridades, os religiosos e á qualquer um, inclusive você.



AKKA - 5 SONGS 7"EP

All girl crustpunk da Ilha de Shikoku, Japão... Poderoso e competente, vocal lamentando letras introspectivas bem escritas, engolidas por estrondosos e distorcidos riffs de cortinas de ruídos. Debut 7"EP desta banda japonesa, também lançada pelo selo japonês Hardcore Survives; algumas vezes lembra Frigöra,porém, um pouco mais lento, com backing vocals bem colocados e algumas doces melodias presentes em algumas intros, casando com um crustpunk obscuro que completa o contexto, expondo os sentimentos de insegurança, solidão e os maus momentos presentes no cerne humano.



SKIZOPHRENIA - DON'T GIVE UP 7"

Este é o terceiro 7''ep desta banda japonesa que mescla influências do UK hardcorepunk dos anos 80 com a agressividade do rawpunk escandinavo, Skizophrenia tem sido uma banda bem ativa nestes ultimos anos... Neste ano, eles tocaram no festival Chaos In Tejas e deixaram muitos punks americanos chocados e empolgados com sua música punk direta e crua... Skizophrenia vem da cidade de Tsuyama em Okoyama e você não encontrará muitas informações sobre eles na internet, além de alguns videos no youtube... Esse é o espírito, quanto mais obscuro melhor...



REDNECKS - VISIONS OF MAD 7"EP

Mais uma jóia da Hardcore Survives! Desta vez estamos falando da Rednecks, banda de Tokyo que não fica devendo absolutamente nada, quando se trata de expor uma sonoridade perturbadoramente violenta e cáustica, assim como Confuse, Kuro, Framtid e Gloom... Este é o segundo 7"EP desta banda que, sinceramente me deixou estático, por ter produzido um dos 7"EPs mais agressivos que já ouvi. Visões de loucura é o que você terá, ao ser exposto ao konton crasher hardcore da Rednecks. Indispensável para quem possui o espírito crash the fuckin pose, sem solos, sem musicalidade, apenas punição através dos ruídos!



NO STATIK - We All Die in the End 12"

Hardcore raivoso de San Francisco Bay Area, este é o debut LP da No Statik, que soa como um veículo desgovernado caindo num abismo e depois sendo incinerado... Dotado de uma sonoridade bem peculiar das bandas hardcorepunk americanas dos anos 90, a No Statik nos entrega uma sonoridade caótica, e quando você menos esperar, o ambiente catastrófico abrirá espaço para algo um pouco mais experimenal, sonoridade original e bem diferente do que você está acostumado à ouvir, em algumas partes podemos nos deparar com um hardcore grotesco e imundo, baterias disparadas preenchidas com distorções medianas, e em outras partes o bom e velho espírito downtempo, que depois é atropelado por partes rápidas e por que não stop & go... Formada por ex-membros de bandas como MOMENTO MORI, SCROTUM GRINDER, LOOK BACK AND LAUGH,DESTROY!, SCHOLASTIC DETH,END OF THE CENTURY PARTY, ARTIMUS PYLE, WHAT HAPPENS NEXT? e CONQUEST FOR DEATH; a No Statik representa um estilhaço da bagagem anti-musical de cada uma dessas pessoas que centrifugaram tudo e deram origem á esta odisséia ensandecida dona de um bom gosto que difere do comum que muitas bandas nos apresentam... Espere por letras pessimistas e uma experiência única! Material reprensado pela Prank Records!



SMASH DETOX 7"

(FORWARD/WB2D/JUDGEMENT/TETSU AREI) - Este 7"EP de duas faixas está mais para uma memorável reunião de pessoas como ISHIYA (FORWARD), SOUICHI (FORWARD), MUKAI (JUDGEMENT), ZAC (WORLD BURNS TO DEATH,) IIZAWA (TETSU AREI) e ANDREA fazendo algumas partes vocais melódicas líricas... É neste 7"EP que toda a fúria do hardcore japonês encontra a agressividade e poluição sonora do crustpunk americano, expondo muitos elementos que deram uma identidade ao hardcore nipônico... Uma fusão impressionante do crustpunk d-beat made in Texas com o hardcore da terra do sol nascente.. Indispensável para apreciadores de ambos os gêneros ou aventureiros que queiram ouvir algo que transborda foco e intensidade!



EFFLUXUS / INFERNÖH - Split 7"

Infernöh, banda de Mälmo, representa a nova geração do d-beat rawpunk suéco e neste split encontra o hardcore fuzzpunk causador de dores de cabeça Effluxus, que é provenitente de San Francisco Bay Area... Uma combinação devastadora, repleta de ruídos, é o que você terá neste split, que sinceramente, não poderia ser diferente... Soa como uma competição para concluir qual lado irá punir ainda mais os seus canais auditivos! Lançado pela Rusty & Machine, é o resultado da turnê que a Infernöh fez da Costa Oeste até chegar ao Chaos In Tejas em Austin...Possui uma excelente arte na ilustração de capa e do ponto de vista médico, não é recomendado para pessoas que não toleram riffs ensurdecedores dosados com fortes cargas de ruídos fuzzpunx do lado Effluxus e baterias galopantes acompanhadas de violência sonora e distorção do lado Infernöh!



WARSONG - ANCIENT TIMES LP

Warsong é uma nova banda espanhola da cidade de Zaragoza... Não se iluda pelo nome pois não é d-beat (haha), estamos falando de um vibrante e enérgico punk rock melódico tocado por pessoas que vieram das extintas bandas No Scape e Insominio... Punk'n roll pogante com letras questionadoras, lembrando um pouco de The Stranglers e algo da antiga/nova safra das bandas de punk rock agridoce de Portland... Pogo e melodias empolgantes é o que você encontrará neste primeiro LP lançado em 2011 pelo selo The Pression Records, responsável por registrar este debut festivo, desta banda que foi formada em 2010. Warsong é formada por Carlos Samper (lead vocals, guitarra), Jose Bolea(baixo), Jose López(guitarra, backing vocals) e Alberto Garcia(bateria)... Falando um pouco da arte de capa feita por A. Garcia, é uma ilustração simplista, de uma esquadrilha de aviões bombardeando uma cidade, mas não se iluda mais uma vez, pois, não é D-beat!


INSANITY
I ♥
VINYL
PUNK
BEER
BEER
BEER
CRUSTIES